

Apresentação

<i>walad</i> : feto ou filho? A restauração do sentido original de Gn 11: 30	95
Dos estudos comparativos	117
O impacto da literatura do Oriente Médio antigo na elucidação da Bíblia Hebraica	123
"As mulheres hebreias não são como as egípcias": uma leitura contextual de Ex 1: 19	141
<i>mamzer</i> : do enigma bíblico à realidade talmúdica	155
Patrilinearidade e matrilinearidade no judaísmo: um estudo da lei oral	169
<i>mohar</i> : um estudo do compromisso matrimonial no direito consuetudinário e na literatura do Oriente Médio antigo	179
The meaning of sterility in the patriarchal cycle	205
Foundational themes of the patriarchal cycle: sterility and promise	217
Referências Bibliográficas	233

A Bíblia Hebraica sempre exerceu sobre seus estudiosos uma fascinação que se aprofunda à medida que percebemos que seus textos nos falam alguma coisa de essencial. Deus, o homem, ou ainda Israel: cada estudioso persegue uma diferente dimensão do relato.

Em todos os meus anos de estudos bíblicos – da docência à docência – nunca me deparei com um estudioso da Bíblia que alimentasse uma relação de indiferença para com seu objeto de estudo: os discípulos da Escola Minimalista¹ de nossos dias deixam transparecer, claramente, em suas pesquisas, que são movidos pela mesma paixão que motiva aqueles da Escola Maximalista.

Tenho aqui a rara oportunidade de apresentar minha própria postura metodológica e meu compromisso com o saber bíblico, força propulsora e critério de toda a minha atividade acadêmica, que busquei fazer de forma objetiva e transparente. Ela é marcada pelo esforço crescente de me isentar de uma postura premeditada. A meu ver, esta é a condição primária para se abordar o texto bíblico sob qualquer ótica.

Por essa razão, pesquisar e ensinar em uma universidade laica, como a Universidade de São Paulo, que se pauta pela liberdade

¹ As Escolas Maximalista e Minimalista pautam-se por posturas acadêmicas distintas que têm marcado os estudos não teológicos da Bíblia Hebraica do século XIX. Os Maximalistas partem do pressuposto de que Israel teve um passado histórico e que a Bíblia Hebraica constitui um registro verossímil desse passado. A Escola Minimalista parte do pressuposto de que Israel teve um passado histórico e que a Bíblia Hebraica é pura ficção. O embate entre as duas Escolas concentra-se particularmente nas narrativas do período patriarcal, dos juizes e da monarquia unida.

de pensar e questionar, tem sido um grande impulso para minha atividade científica. A essa liberdade sobrepoem-se princípios como bom senso e honestidade intelectual, que norteiam as escolhas metodológicas de abordagem do texto bíblico.

Apresento, portanto, neste trabalho, parte da minha produção científica – que julgo ser representativa de minha contribuição para o campo do saber bíblico, em suas várias áreas de conhecimento –, cuja natureza me permite observar criticamente o percurso analítico adotado em sua composição.

Os ensaios analisados nessa coletânea foram publicados em revistas acadêmicas, sendo que alguns desses ensaios estão incluídos na bibliografia utilizada nas disciplinas de graduação e pós-graduação em Bíblia Hebraica na Universidade de São Paulo e em outras universidades. Eles se caracterizam por seu caráter didático, embora sejam dirigidos, em primeira instância, a meus pares. Creio ser importante deixar transparecer o processo de escolha dos princípios metodológicos adotados na pesquisa, de forma a conduzir o leitor-estudante no âmbito do comentário crítico ao texto bíblico, a saber: o nível de concentração exigido, a consulta sistemática a dicionários especializados, o enfrentamento com textos, comentários e versões que cercam o estudo do registro bíblico.

Esta seleção de ensaios reflete, sobretudo, o direcionamento de minha pesquisa e seu objetivo maior, que é o de compor comentários críticos sobre tópicos específicos, rejeitando o alinhamento a qualquer escola e a adoção de seus modelos interpretativos.

Do estudo acadêmico da Bíblia Hebraica

Muitos estudiosos da atualidade² consideram Benedict Spinoza, filósofo judeu do século XVII, o fundador da abordagem científica da Bíblia Hebraica, com base em seu *Tratado Teológico-Político*, publicado em 1670. Neste, o autor argumenta que a Bíblia Hebraica deveria ser objeto de estudo científico e formula uma linha metodológica para isso, fundamentada no exercício crítico da razão e da história.

As conclusões de Spinoza sobre Deus levaram a sua exclusão do judaísmo. Desde então, os estudos acadêmicos da Bíblia Hebraica permaneceram engessados na teologia judaica e cristã até seu renascimento no círculo protestante do século XIX, na Alemanha.

Inspirados pela crítica histórica, que já havia sido aplicada aos textos clássicos durante a Renascença, e influenciados por correntes intelectuais de seu tempo – como o Romantismo e a Teoria da Evolução –, os estudiosos alemães romperam definitivamente com a teologia, submetendo o texto bíblico à investigação filológica com a mesma forma que um texto secular, desconsiderando todas as tradições relacionadas à autoria e autoridade.

O principal pilar da discussão teológica – o conceito de verdade – foi descartado para abrir espaço à investigação crítica, livre dos pressupostos da religião e da tradição exegética.

Se, por um lado, pesquisadores, como Wellhausen, empreenderam um estudo minucioso e erudito, por outro, chegaram a

² SARNA, Naum M. *Understanding Genesis: The World of the Bible in the Light of History*. New York: Schocken Books, 1966; p. XXI.

conclusões que refletiam apenas a *bias* do final do século XIX: sua idealização da religião imaculada de Israel era profundamente romântica e sua caracterização do judaísmo pós-exílico, como sistema meramente legalista e declinante, era profundamente antissemita.

A Hipótese Documental, entretanto, tornou-se uma afirmação clássica, uma teoria que estudiosos posteriores desenvolveram, aceitaram ou rejeitaram, de uma forma ou de outra, sempre dialogando com ela.

A ideia da combinação de diferentes fontes, de períodos diversos, no desenvolvimento do que hoje conhecemos como Pentateuco, tornou-se um pressuposto amplamente aceito entre estudiosos da Bíblia Hebraica.

Um evento no mundo da arqueologia mudaria para sempre o curso dos estudos da Bíblia Hebraica: as descobertas dos arquivos reais e bibliotecas de cidades mesopotâmicas, canaanitas e egípcias, e seus tesouros epigráficos, revelaram aos estudiosos modernos o fato, até então desconhecido, de que o antigo Oriente Médio formava um *continuum* cultural, com intensa troca de influências numa extensa área que incluía Mesopotâmia, Síria, Canaã, a costa da Ásia Menor, Chipre, Creta e Egito.

A descoberta dos escritos do antigo Oriente Médio coincidiu com a emergência de novas disciplinas como a Antropologia, a Sociologia e o estudo do folclore; e tanto as novas evidências quanto as novas disciplinas foram incorporadas ao estudo acadêmico da Bíblia Hebraica, que passou a ser ministrado nas grandes universidades, inserido em áreas como: estudos da religião, estudos orientais ou semitas e estudos do judaísmo.

Esses documentos permitiram a sincronização com informações contidas no relato bíblico, e as analogias foram empregadas para equacionar a distância e a proximidade entre as culturas e, sobretudo, para restituir o texto a seu contexto original e retirá-lo do vácuo sagrado da exegese.

O influxo de *data* extrabíblica, juntamente com o estudo da tradição oral e do folclore, criou as bases para um novo tipo de abordagem, que transferiu o foco de interesse do aspecto histórico para o literário. O foco passou a ser a intenção do autor/redator bíblico, que se manifesta na forma e na organização de seu trabalho em unidades textuais maiores e mais complexas.

A esta abordagem convencionou-se chamar crítica redacional, embora seja parte integrante da crítica histórico-gramatical, e não constitua um método diferenciado. Sua preeminência, nos últimos anos, é coerente com o crescente interesse no estudo de unidades maiores de texto, que vem banindo, gradativamente, o antigo sistema de análise versículo-por-versículo, prevalente na tradição teológica e nas primeiras décadas de estudos acadêmicos.

Foi a crítica literária, no entanto, que abriu, de fato, uma nova perspectiva para se compreender a Bíblia Hebraica. A aplicação de sua metodologia, apoiada no estudo de filologia semítica comparada, permitiu a apreensão dos recursos expressivos do hebraico bíblico — as nuances dos valores léxicos, a força das metáforas e dos paralelismos, a integridade estilística e rítmica do texto.

A ideia central desta abordagem consiste em considerar o conjunto da Bíblia Hebraica como uma obra literária, e estudá-la tal como ela é, concentrando menor atenção nas circunstâncias históricas de sua composição.

O método empregado é o da crítica retórica (*close reading*), mas o objetivo final é a apreensão do significado do todo, a visão holística e não atomística. Por esta razão, cada vez mais ênfase tem sido colocada no enfoque interdisciplinar no âmbito dos estudos bíblicos.

Este percurso possui a qualidade de criar novos parâmetros de compreensão, além de exigir a movimentação em diversas áreas disciplinares e o confronto entre conceitos e instrumentos teóricos de correntes diversas.

A trajetória interdisciplinar é articulada, no caso da Bíblia Hebraica, a partir dos paradigmas da crítica literária e da crítica histórica que, associados, propõem um eixo de raciocínio fecundo, valioso na elucidação do texto e da visão de mundo que expressa.

Tal é a opinião de grande parte dos estudiosos modernos, como Gottwald,³ por exemplo, que argumenta ser o eixo comum aos paradigmas a preocupação central com a estrutura: a estrutura dos escritos, por um lado – objeto da crítica literária – e a estrutura da sociedade israelita e judaica, por outro, na qual a Bíblia Hebraica foi escrita e transmitida.

Os textos da Bíblia Hebraica – compostos, alinhavados, editados e reeditados ao longo de nove séculos – formam o *corpus* literário seminal da cultura israelita, e são suas palavras e imagens que compõem as tradições que são autoritárias nesta cultura.

No processo de compreensão deste núcleo texto/cultura é necessário reconhecer e tentar ultrapassar as limitações de cada método já consagrado nos estudos bíblicos. Isso se dá exatamente através do olhar criativo, renovador, que um outro método oferece.

Assim, a resposta a uma pergunta sobre o rei Davi – afirma Gottwald⁴ – gravita por canais metodológicos distintos e transborda. Cada resposta evidencia um aparato – linguístico, literário, antropológico, arqueológico – empregado com o intuito de iluminar o texto bíblico, através de uma confluência fértil, mas rigorosamente controlada, de modelos. E, no entanto, cada resposta evidencia também novos questionamentos, saturados de subjetividades de caráter inesperado, o que não permite a inércia nem a observação pré-moldada.

³ Gottwald, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1988; p. 41.

⁴ *Ibidem*, p. 4.

É este caráter da Bíblia Hebraica – o de estar sempre aberta à descoberta e a novas interpretações – que tem suscitado a demanda de abordagens inovadoras para seu estudo. Entre as mais recentes, destacam-se o feminismo, o liberaçãoismo e o pós-colonialismo (agrupadas sob o termo hermenêutica cultural), nas quais a posição do intérprete não é apenas explicitada e validada, mas serve como princípio normativo no processo de interpretação, centrado nas categorias de classe, etnia e gênero.

O estudioso explora ângulos, até então desprezados, deslocando temas do passado para a sua realidade e articulando-os – passado e presente – de tal maneira que ambos são transformados. A Bíblia se impõe como texto de liberação, principalmente a narrativa do Êxodo e os Escritos dos profetas, núcleo irradiador desses movimentos revolucionários.

Também o fluxo contínuo de informações impulsionou os estudos bíblicos a incorporar novas abordagens. Desde 1970, a arqueologia tem revelado cada vez mais *data* sobre a configuração da população, costumes domésticos e religiosos, práticas agrícolas, pecuaristas e comerciais do mundo bíblico.

O material epigráfico, descoberto em escavações e datado com precisão, constitui uma evidência valiosa para a contextualização dos escritos bíblicos. Essas informações, juntamente com um amplo leque de possibilidades de modelos comparativos de sociedades não urbanas descentralizadas, têm gerado novas hipóteses sobre os primórdios de Israel, sem que nenhum consenso tenha sido ainda alcançado.

É através deste “caleidoscópio multimetodológico” que a Bíblia Hebraica emerge como um documento essencialmente humano, que registra o anseio do homem para compreender Deus nas relações humanas e na história de um povo. Por esta razão, embora

essencialmente secular, o estudo acadêmico não deve dessacralizar a Bíblia Hebraica.

Não se pode exilar o elemento sagrado de escritos que foram formulados com o propósito explícito de ser literatura sagrada, nem desconsiderar os significados de revelação, punição e redenção atribuídos a eventos da história dos antigos israelitas.

A sobrevivência dos livros que compõem a Bíblia Hebraica deve-se à crença por parte dos israelitas de que ela continha a palavra de Deus e palavras inspiradas por Deus. Embora não se empregue uma hermenêutica específica para tratar de textos considerados pela tradição como sagrados, qualquer outra postura, que não a de respeitar esta dimensão dos textos bíblicos, implica perverter a sua essência.

O desafio do estudo acadêmico da Bíblia Hebraica, contudo, não se restringe à abordagem crítica. Os modos de expressão, categorias de pensamento e o ambiente sociocultural, pressupostos nas narrativas e nas leis, são estranhos ao pensamento ocidental, embora o Antigo Testamento seja o livro mais lido do mundo.

O contato da grande massa de leitores e, surpreendentemente, de vários estudiosos com a Bíblia Hebraica, dá-se através de suas inúmeras apropriações: traduções, versões, paráfrases antigas e modernas. Já o texto hebraico suscita uma compreensão totalmente distinta, em particular por sua raiz triconsonantal que permite múltiplas significações, entrelaçando sentidos e construindo um texto fértil em polissemias e ambiguidades, um desafio a qualquer exercício de tradução.

Debruçar-se, horas a fio, sobre o original, implica reformular nosso padrão de pensamento e raciocínio e mergulhar nas dimensões de uma racionalidade antiga e desconhecida, que se revela, aos poucos, encantando-nos no processo de sua leitura interminável.

Da produção do conhecimento bíblico: uma visão crítica

Inaugurados no século 19, no círculo protestante alemão, os estudos acadêmicos da Bíblia Hebraica, pautados fundamentalmente pela teoria da crítica histórica, diversificaram-se no decorrer do século passado, percorrendo trajetórias cuja tendência parece ter levado à especialização de enfoques teóricos e ferramentas analíticas, de um lado, e à conjugação e confluência dos mesmos, por outro.

Aparentemente paradoxal para as correntes mais conservadoras, essa tendência é própria dos estudos culturais, destino para o qual os estudos acadêmicos da Bíblia Hebraica migraram no decorrer do século XXI, evidenciando a contribuição significativa da interdisciplinaridade para a construção de um conhecimento mais aprofundado dos escritos antigos, em geral, e do registro bíblico, em particular.

Pode-se afirmar que hoje os estudos da Bíblia Hebraica se encontram em um estágio cientificamente mais maduro, diversificado e equilibrado, em que diferentes posicionamentos – que outrora alimentavam disputas epistemológicas – coexistem no debate acadêmico, complementando-se.

Os estudiosos atuais tendem a apresentar um perfil que alia conhecimentos específicos de diferentes áreas e amplo embasamento teórico-conceitual, o que se traduz em competências e produção de conhecimento cada vez mais expressivos.

Observando a trajetória peculiar das abordagens críticas da Bíblia Hebraica – como a crítica das formas, a crítica histórica, filológica, literária, canônica, hermenêutica cultural e abordagens socialmente engajadas – em retrospecto, constata-se que essas

teorias acabaram por criar um discurso dogmático próprio no qual transparecem interesses alheios àqueles da pesquisa, que seguem motivos de ordem confessional (como provar ou negar a veracidade da Bíblia) ou demasiadamente impregnados pelo paternalismo da cátedra (como por exemplo, qualificar o registro bíblico como ficcional, descartando-o da discussão acadêmica, porque sua historicidade não pode ser comprovada pelos parâmetros convencionais). Sem dúvida, os enfoques polêmicos e seus dogmas persistem nas chamadas Escolas Maximalistas e Minimalistas de nossos dias.

Analisando o panorama das pesquisas acadêmicas realizadas no passado e na atualidade, pode-se notar que algo essencial se perdeu no caminho: a separação vital entre o instrumento e o objeto de estudo. Justapôs-se ao exercício da pesquisa a prática metateórica, que visa à justificação da teoria em si e à legitimação de sua lógica. O objeto de estudo deixa de ser a Bíblia Hebraica, que passa à categoria de instrumental.

Inúmeras pesquisas, nas quais foram depositados anos de esforço, encontram-se hoje desacreditadas no cenário acadêmico por terem incorrido em distorções dessa ordem.

Esse fato desconcertante evidencia uma outra lição: a de que o aprendizado primordial – aquele que aparentemente deve ser continuamente reaprendido – é que o estudo da Antiguidade, e seus registros, permanece sempre precário, subjetivo, inacabado, lacunar.

Conjecturas e juízos, emitidos à guisa de conclusões, sobre o que a Bíblia diz e cala, consistem, na grande maioria das vezes, no produto da visão pessoal – moderna, ocidental e por vezes flagrantemente comprometida – de seu autor.

O advento dos estudos culturais ofereceu a estudiosos, no mundo inteiro, a oportunidade de renovar as leituras tradicionais da Bíblia Hebraica. Sua abordagem transdisciplinar é surpreendentemente consonante com a natureza orgânica do registro bíblico

que atravessa fronteiras disciplinares, misturando história, arte, arquitetura, geografia, sociologia, linguística e literatura.

Um pressuposto básico de toda pesquisa bíblica é o de que a Bíblia Hebraica constitui um registro multidimensional para o qual convergem informações de diferentes ordens, intermediadas pelo discurso do narrador onisciente e das personagens. Esse fato determina que a opção natural na escolha de disciplinas parceiras, na busca pela compreensão do relato bíblico, deve ser a multiplicidade, que pode dar conta das diferentes esferas de conhecimento que marcam o registro bíblico.

A interdisciplinaridade, como recurso metodológico, vem romper com a rigidez dos conceitos e pressupostos das abordagens engessadas em sua lógica particular, e caracteriza-se, sobretudo, pela flexibilidade dos princípios norteadores da crítica cultural, através da incorporação de um horizonte analítico mais amplo e heterogêneo. Com o compromisso de se manter perenemente atualizada, incentiva o estudo e amplia o horizonte da pesquisa, exigindo uma rigorosa seleção de argumentos coerentes e relevantes.

A grande vantagem, da diversidade de disciplinas e abordagens teóricas, consiste em permitir que uma disciplina supere as limitações teóricas e epistemológicas da outra, num processo contínuo de *cross-fertilization*.

As várias disciplinas, funcionando como suportes, exigem o emprego de instrumental analítico distinto, aguçando a percepção e a sensibilidade crítica do pesquisador bíblico, incentivando seu bom senso e inventividade, ferramentas essenciais no processo de composição de um comentário crítico.

Igualmente relevante é o fato de a crítica interdisciplinar ser essencialmente comparativa e cultural, uma vez que é impossível se conceber um pensamento que não esteja vinculado, de alguma forma, a um universo de ideias vigentes. Comparar significa, em primeiro plano, formar uma plataforma de diálogo entre civiliza-

ções que compartilham dados e coordenadas culturais. Creio que este constitui o único meio de se resgatar a Bíblia Hebraica do vácuo temporal e espacial da exegese religioso-homilética e secular-ideológica, e de devolvê-la, na medida do possível, ao contexto no qual se desenvolveu, que é aquele das sociedades do Oriente Médio antigo.

A comparação com evidências extrabíblicas é sem dúvida a única via pela qual podemos apreender algo de singular na visão de mundo do homem bíblico, uma vez que constitui a lente que nos permite observar o grau de semelhanças e discontinuidades entre a cultura israelita e as dos povos circundantes.

Ideias provenientes do fundo comum da experiência, que o autor bíblico não necessita explicitar por se tratar de conhecimento vulgar – e que para o pesquisador moderno são enigmáticas e incompreensíveis – só podem ser esclarecidas a partir da comparação com evidências extrabíblicas.

É, portanto, da escolha criteriosa dos pressupostos acadêmicos – e de sua aplicação criativa – que a pesquisa bíblica depende para produzir algum conhecimento relevante. O que nos leva à questão primordial: em que consiste o conhecimento?

Como sempre, ou quase sempre, a Bíblia nos oferece a explicação mais precisa, sintática, concisa. Conhecer, no hebraico bíblico, é *lada'at*,⁵ verbo que significa simultaneamente saber, penetrar a essência e, por associação, amar; a densidade semântica do termo bíblico instaura uma trajetória que vai do signo abstrato à concretude da vida: saber é amar; produzir conhecimento, um ato de amor, com a entrega e o cuidado que fazem deste ato algo sublime.

⁵ Segundo as regras do IPA (International Phonetic Alphabet for Hebrew), *t* e *t* têm o som de *t*; *š* tem o som de *sh*; *s* é *s* e *š* é *š* e *h* tem o som de *ch* (alemão) ou *j* (espanhol).

Da produção de um comentário crítico

A opção natural dos sábios de Israel, para estudar as Escrituras, foi o comentário. O termo *midraš* é derivado do radical *drš* que significa essencialmente interrogar e exigir, uma prática que tem início na própria Bíblia.

O comentário crítico interdisciplinar consiste essencialmente em um confronto criativo entre os saberes advindos de diversas fontes e a erudição do texto que é objeto de estudo. Não se trata, portanto, de um exercício de apreciação do texto, mas de sua compreensão e subsequente produção de conhecimento sobre sua forma, conteúdo e contexto cultural.

A distância histórico-contextual entre o redator bíblico e o comentarista impõe, sem dúvida, limites à pesquisa e limitações ao comentarista. A este caberá instaurar um diálogo com o texto a partir de um jogo de associações e dissociações, encadeadas segundo a lógica dos eixos temáticos estabelecidos no início e ao longo da pesquisa; esta, por sua vez, tem seus contornos limitados por seu caráter essencialmente analítico, ainda que permeada pela imaginação construtiva das ideias.

Na via de acesso ao texto bíblico – longínquo e sacralizado – ideias pré-concebidas constituem um grave entrave. O exercício do comentário exige, incontestavelmente, algum despojamento cognitivo, uma desagregação de dados da memória e do intelecto.

O horizonte da pesquisa permanece sempre aberto: a erudição do texto é algo ainda a ser adquirido, mas a originalidade e a fecundidade das associações fazem do exercício crítico do comentarista uma faculdade criadora de conhecimento.

Em termos práticos, corresponde ao reconhecimento da tessitura do texto e seus alinhavos, estabelecendo a relação entre sentidos e o parentesco das ideias, acercando-se de suas questões mais problemáticas, anacrônicas, antagônicas, numa verdadeira expedição em busca de dar-lhes sentido, levando-se em conta que nenhum leitor pode aspirar ao conhecimento absoluto do texto.

, Do confronto com os dados da erudição extrabíblica nascerá ou não alguma hipótese de leitura. Caso esta surja, trará em si impresso o selo da criatividade e o peso de uma análise profunda e sistematizada.

Do comentário linguístico-cultural: o *pshat* interdisciplinar

As análises que pretendem apresentar um compromisso com o saber bíblico devem estar fundamentadas em um estudo sistematizado da língua hebraica original do texto bíblico.

Essa relação de intimidade com a língua constitui o primeiro passo em direção ao acolhimento do texto pelo comentarista, pressuposto básico para o diálogo interdisciplinar que se pretende travar com o mesmo.

Na ausência dessa interação, a pesquisa resulta árida e mecânica, uma vez que o objetivo básico de um comentário crítico é permitir que o texto fale, em seus próprios termos, através do comentarista.

Acentua-se também a importância da configuração, por parte do comentarista, de um arcabouço teórico de pressupostos e sua rigorosa aplicação. Essa questão ultrapassa em muito as convenções da pesquisa habitualmente adotadas na academia, nos âmbitos da investigação histórica e da crítica literária.

No caso específico da Bíblia Hebraica, cabe ao pesquisador propor, para cada *corpus* identificado na coletânea de escritos bíblicos, um inventário teórico que funcione para alavancar o que se pode apreender do referido *corpus*, em termos linguístico, literário e cultural (sendo o cultural uma acepção mais ampla e aprofundada do termo “contextual” empregado na teoria crítico-histórica).

Nesse diálogo entre pesquisador e texto, têm papel decisivo a erudição particular e a sensibilidade do pesquisador. Quanto maior o esforço pela erudição, mais aprofundado o comentário;

quanto maior a sensibilidade do pesquisador, mais significativo e nuançado o seu teor.

O comentador bíblico do *psbat* – prática exegética com vistas à composição de um comentário linguístico-cultural – deve estar apto, portanto, a manusear igualmente *midot* rabínicas (princípios hermenêuticos registrados na Mishnah e Talmud) e princípios exegéticos das escolas medievais de Sefarad e Provence, incorporando ainda, dados das pesquisas antropológica, sociológica, histórica, arqueológica e informações sobre as culturas vizinhas, relevantes para auferir o impacto que o texto teve em seu contexto vital e a cosmovisão que este expressa.

Quanto à minha opção pelo *psbat*, creio ser necessário abrir um parêntese: essa vertente específica do comentário bíblico constitui também uma definição pessoal, uma vez que é consonante com a tradição hebraísta e sionista que recebi de meus pais e avós, no Colégio Israelita Moisés Chwartz, em Recife, e no movimento juvenil Ichud Habonim, uma tradição que cultivo até hoje e que busco transmitir a meus filhos.

No Israel dos anos 80, onde vivi, imperava o que denomino “*psbat* existencial”, uma relação polivalente com o valor linguístico e histórico da Bíblia Hebraica cuja maior implicação é, sem dúvida, a legitimação de um modo de vida secular nacional, que tinha na Bíblia sua justificação filosófica e seu manancial de valores e associações.

Nas universidades seculares em que estudei (Universidade Hebraica de Jerusalém e Universidade de Tel Aviv), o *psbat* permitiu aos estudos bíblicos (incluindo os de arqueologia bíblica, de certa forma a epitome do *psbat*, em toda sua concretude) se dissociarem da prática exegética *midrashica* e do vínculo com a tradição oral, condição *sine qua non* dos estudos judaicos tradicionais da Bíblia nos últimos séculos. Admito ter incorporado esse modo existen-

cial israelense, tanto em minha orientação acadêmica quanto em minha vida pessoal, embora reconheça que o *psbat* constitui uma trajetória exegética peculiar, um desafio em direção a um horizonte rigorosamente desconhecido e sem os suportes da exegese *midrashica* ou pretensamente científica.

Como um arqueólogo num sítio ainda não escavado, aquele que persegue a dimensão do *psbat* deve ser guiado, antes de mais nada, por sua intuição e estar sempre preparado para retroceder, cobrir os quadros abertos, esperar pelo próximo verão, e escavar em outro canto do terreno.

Além da intuição, contamos ainda com alguns outros instrumentos fundamentais: rigor metodológico, bom senso, honestidade intelectual, sensibilidade e amor pelo antigo.

Do ponto de vista da pesquisa acadêmica, o estudo do *psbat* bíblico é essencialmente interdisciplinar, uma vez que o caráter polissêmico do hebraico bíblico impõe que o contexto seja levado em conta em todas as instâncias, e os contextos são vários e distintos entre si.

É claro que as descobertas das literaturas escritas em línguas aparentadas ao hebraico bíblico impulsionaram significativamente os estudos do *psbat*, mas creio ser importante sempre nutrir-se dos ensinamentos primordiais de Saadia, Ibn Ezra, Rashi, Radak e outros, cujos estudos fazem eco à afirmação milenar de que o texto bíblico responderá a quem souber perguntar.

A ferramenta analítica primordial do pesquisador é, portanto, a formulação precisa e objetiva de indagações coerentes. A trajetória investigativa desses sábios, que exponho sucintamente nos próximos parágrafos, constitui a corrente da exegese do *psbat*, na qual se inscrevem os estudos interdisciplinares da Bíblia Hebraica da atualidade.

Saadia Gaon (882-942), líder da academia rabínica de Sura, no Iraque, estabeleceu vários princípios exegéticos que o guiaram em seu trabalho de tradução de livros da Bíblia Hebraica para o árabe. Ressalta-se, entre eles, o princípio de que o texto deve ser entendido de acordo com o sentido das palavras com as quais foi escrito, desde que estas não contradigam os princípios da razão. O equilíbrio entre a liberdade do intérprete e a tradição que tem autoridade ditou suas interpretações; certamente essa preocupação foi, em parte, motivada pela polémica caraita de seus dias.

Já a interpretação filológica-contextual de toda a Bíblia, um feito do mestre caraita **Jafet ben Eli**, em Jerusalém, encontrou seu caminho na escola rabínica do *pshat* por intermédio de Avraham Ibn Ezra. Os *geonim*⁶ e seus contemporâneos caraitas foram os primeiros a produzir comentários bíblicos linguísticos de forma sistemática.

Ibn Ezra (1089-1164), que viveu na Espanha e na Inglaterra, desenvolveu comentários formidáveis (embora difíceis, excessivamente concisos e crípticos a ponto de terem gerado todo um *corpus* de supracomentários) a partir de sua metodologia exegética fundamentada nos pilares da gramática e da razão.

Para Ibn Ezra, apenas um exegeta com sólida formação em gramática e lexicografia hebraica poderia compreender, de modo relevante, o significado do texto bíblico. Segundo seus escritos, o texto era dotado de apenas um significado, apreensível através das regras da gramática. Ibn Ezra incorporou o princípio exegético rabínico de que as Escrituras se expressam na língua dos homens

⁶ *gaon, geonim* (pl.) – termo do hebraico bíblico que significa esplendor, empregado como título honorífico para os presidentes das academias talmúdicas (*yeshivot*) das cidades babilônicas de Sura, Pumbedita, Nehardea e Mahuza, que existiram entre os séculos XVII e XI da Era Comum.

e, assim como Saadia, empregou o método de *tikun* (correção ou adaptação, como o *taweeel* da exegese corânica) para tornar um versículo consoante com os princípios da razão por meio da alegoria ou da metáfora.

Também seguiu Saadia no quesito da sacralidade da *torah* oral em termos de *halakhah*. Ao contrário de outros exegetas do *pshat*, como Rashban e Radak, ambos repudiavam uma explicação do *pshat*, caso esta estivesse em contradição com a lei.

Ibn Ezra integra-se, assim, à corrente de filósofos judeus que compuseram comentários críticos sobre a Bíblia Hebraica, como Filo de Alexandria, ao discutir questões autorais consagradas pela tradição oral – como a atribuição da autoria do Livro de Lamentações ao profeta Jeremias – além de ter chamado a atenção para a ocorrência de “anacronismos” no texto bíblico. Seus escritos foram (e continuam sendo até hoje) relevantes para todas as escolas de exegese bíblica na Idade Média tardia, sejam estas caraitas, rabínicas ou cristãs. Também Baruch Spinoza o cita como o primeiro crítico bíblico.

Os estudos do *pshat* receberam um impulso considerável com a obra de **Moses ibn Ezra**, contemporâneo e parente de Avraham ibn Ezra, que analisou o estilo da escrita bíblica, traçando paralelos com os ornamentos da poesia árabe, e identificando, no processo, estruturas como metáforas, símiles e alegorias. As implicações de sua exegese foram impactantes no mundo judaico, porque, ao retratar os profetas de Israel como poetas, ele afirmava implicitamente que as profecias bíblicas podiam ser analisadas como qualquer outra.

Na Escola Provençal, em Narbonne, **David Kimchi** (conhecido pelo acrônimo **Radak**), oriundo de uma família de eruditos hebraístas e com sólida formação maimonidiana, produziu comentários e livros de gramática bíblica – *sefer ha-shorashim* e *sefer*

mikhlol –, considerados obras de referência até hoje, influenciando significativamente as gerações seguintes de exegetas.

A única obra de exegese que recebeu *status* quase canônico – podendo substituir a porção semanal do *targum* na preparação da leitura da *torah* na manhã do *shabat* – é o comentário da *torah* elaborado por **Rashi** (1040-1105; acrônimo para **Rabi Shlomo ben Itzhaq**) que se destaca das outras exegeses pela aguda sensibilidade de seu autor em relação às nuances do hebraico bíblico.

Apesar de ter declarado como seu interesse primordial “*psbuto shel miqrá*”, ou seja, o sentido contextual da Bíblia, seus comentários são híbridos, combinando exegese contextual e homilia ética, uma vez que ele costumava acrescentar uma citação *midrashica* à explanação contextual de um versículo, visando ampliar a percepção, por parte do leitor, para a complexidade do texto. Para Rashi, *psbat* e *drash* (sentido contextual e sentido solicitado) coexistem em tensão, e a inclusão de *drashot* que não corrompam o sentido contextual do texto, para Rashi, só vem acrescentar.

Seus seguidores desenvolveram a escola do *psbat* e produziram estudos de grande relevância. Um deles, **Josef Kara** (1050-1125), reafirmou a importância do *psbat*, argumentando que o sentido contextual do texto encontra-se impregnado de sentido religioso, uma vez que instaura uma relação de proximidade entre o leitor das Escrituras e a palavra de Deus. Kara foi também um dos principais exegetas que se debruçaram sobre questões estilísticas da escrita bíblica, como paralelismos e metáforas.

Rashban (c. 1080-1160; acrônimo para **Shmuel ben Meir**), neto do Rashi, produziu um comentário da *torah* totalmente focalizado no sentido contextual e, embora tenha considerado o *drash* como um modo exegetico válido, operou uma separação radical entre eles. Em seus comentários, apontou para a técnica literária da prospecção – a informação oferecida em antecipação a sua ne-

cessidade em outro contexto – revelando um aspecto importante da estilística bíblica: a intertextualidade.

Nos séculos seguintes, as exegeses homilética, mística e alegórica ensombram o estudo do *psbat* (enquanto o estudo do Talmud suplantou o estudo da Bíblia na diáspora ashkenazita) que, no entanto, iria alçar novo voo com os comentários de **Jacob ben Asher** (1270-1340), autor do famoso código de leis *sefer ha-turim*, e os comentários de **Don Isaac Abravanel** (1437-1508).

O Iluminismo judaico, centrado em Berlim, traria um novo ímpeto ao estudo da língua hebraica e ao comentário crítico da Bíblia Hebraica. Com motivações próprias de seu tempo, **Moses Mendelssohn** (1729-1786), com sua tradução da Bíblia Hebraica para o *Hochdeutsch*, produziu um estudo extensivo do hebraico bíblico, empregando o recurso do *bi'ur* (explanação) do Rashi, Rashban, Ibn Ezra e Nahmanides, além de seus próprios *insights* linguísticos.

Judah Leib ben Ze'ev (1764-1811) discorreu sobre questões estéticas e autorais dos textos proféticos e sapienciais. **Solomon Papenheim** (1740-1814) elaborou um dicionário, com vários tomos, de sinônimos bíblicos.

Nachman Krochmal (1875-1840) trouxe à tona questões da datação e autoria de passagens em Isaías, Eclesiastes e Salmos, chamando a atenção para o fato de que essas questões já tinham sido evidenciadas pelos comentaristas rabínicos. Seu aluno notório, **Solomon Rappoport**, aguçou mais ainda a sensibilidade para essas questões críticas.

Na Itália, **Isaac Samuel Reggio** (1784-1855) produziu um extenso comentário sobre o hebraico bíblico, juntamente com sua tradução da *torah* para o italiano. E seu contemporâneo, **Samuel David Luzzatto**, foi o autor de duas gramáticas hebraicas, consideradas obras de referência até hoje, e de vários artigos sobre filologia

hebraica, além de um estudo magistral sobre o *Targum Onkelos*, versão oficial do Pentateuco para o aramaico.

Esses poucos exemplos vêm ilustrar o fato de que, no movimento intelectual que marcou o judaísmo europeu, o comentário crítico da Bíblia e a exegese linguístico-contextual voltaram a ter um lugar privilegiado no esforço para expandir os horizontes culturais dos judeus letrados, o que culminará no grupo de intelectuais alemães que promoveu a *Wissenschaft des Judentums*, o estudo crítico-acadêmico da história e da literatura judaicas, com ênfase particular nos textos antigos e na sua língua original, mas abstendo-se de ingressar em um estudo crítico das Escrituras.

Ensinando a Bíblia Hebraica na Universidade de São Paulo

No ensino da Bíblia Hebraica na USP, percebo, em quase todos os meus alunos, uma atitude que mistura ambiguidade e desconfiança com relação a se estudar a Bíblia criticamente, e não através da ótica da teologia judaica ou cristã.

Início os cursos que ministro com uma frase que Schiller pronunciou a respeito de Goethe: “algo pode ser claro e incompreensível ao mesmo tempo (...) como a natureza”.

A renúncia às estruturas dicotômicas do pensamento estruturalista ocidental é uma importante via de acesso à compreensão da Bíblia Hebraica: puro não é o oposto de impuro; termos idênticos que se repetem subentendem outros significados; a palavra de Deus não é dogmática.

Como ninguém é *tabula rasa* em matéria de Bíblia, a reação é invariavelmente a surpresa: “não é isso que sabemos, não é nisso que acreditamos”; trata-se de uma reação compreensível e, por isso, passo à formulação de uma série de perguntas que permite aos alunos organizarem uma linha de pensamento:

Qual o objetivo dos estudos acadêmicos da Bíblia Hebraica?

Qual a essência da Bíblia Hebraica?

Qual a metodologia acadêmica a ser empregada para se estudar a Bíblia Hebraica?

Na explanação, gravada em sala de aula, que transcrevo a seguir, são esboçadas algumas respostas e definições:

O objetivo dos nossos estudos é compreender o registro bíblico – seus vários significados e níveis de significado, o que implica discernir e conhecer seus traços essenciais; uma vez que a cristalização do processo de compreensão é a interpretação, o objetivo de estudar a Bíblia Hebraica na academia é a formulação de um comentário “científico”. Mas como investigar “cientificamente” um registro cuja natureza se inscreve na ordem do sagrado?

O impasse reside na aparente oposição entre fé e ciência como esferas que não se comunicam; o estudo acadêmico da Bíblia consistiria, então, em um desafio à fé, uma “heresia”? É possível estudar cientificamente um escrito considerado sagrado?

A resposta pode vir na forma da metodologia empregada. A metodologia científica é crítica em essência e seu produto final – o comentário crítico-interpretativo – foi a forma clássica adotada pelos sábios de Israel para apreender os significados primordiais da Bíblia Hebraica; aqueles mesmos sábios que foram expoentes de fé.

Nossos estudos, então, inscrevem-se no escopo dos estudos judaicos da Bíblia Hebraica, que empregaram, desde a Antiguidade remota, a abordagem crítica para produzir um comentário interpretativo.

Nossa abordagem não visa subverter a natureza do registro bíblico, dessacralizando-o; mas consiste em uma abordagem essencialmente científica, uma vez que emprega os paradigmas e o aparato de disciplinas científicas, e não

os pressupostos da fé. E, no entanto, estamos cientes de que todo o processo é subjetivo, uma vez que o estudioso/leitor é sempre o árbitro final, mesmo na mais rigorosa crítica textual.

O que move a pesquisa bíblica, entretanto, não é a utópica objetividade científica, mas a liberdade de interrogar. A Bíblia foi produzida para ser lida em voz alta (*miqra'*),⁷ elaborada para uma audiência (que neste momento somos nós), e esse traço essencial prevê a participação do leitor no processo de compreensão, fundamentando a subjetividade também como traço essencial e dominante de todo o percurso da pesquisa.

O rigor científico, portanto, está intrinsecamente vinculado à abordagem adotada. Esta é sempre uma escolha pessoal do pesquisador. Inúmeras vezes essa escolha é motivada por objetivos alheios à pesquisa – provar, comprovar, negar, concluir... O único verbo que deveria ser conjugado em relação à pesquisa bíblica é discutir; não podemos almejar mais do que isso e, já isso, meus caros, é tarefa para muitas vidas.

⁷ *miqra'* em hebraico significa “o que é lido”, termo que designa a Bíblia Hebraica, assim como *tanakh*, acrônimo formado pelas primeiras letras da subdivisão clássica em três conjuntos de escritos: *torah* (Pentateuco), *nevi'im* (Profetas) e *ketuvim* (Escritos).

Da abordagem literária da Bíblia Hebraica

Um dos principais impasses em relação à abordagem literária da Bíblia Hebraica é a impossibilidade de se julgar o livro segundo um conceito convencional de gênero.

A Bíblia é, antes, uma coletânea de livros de diversos gêneros, escritos, editados e reeditados ao longo de pelo menos nove séculos, e inseridos em molduras teológicas diversas. Os autores bíblicos empregaram meios estéticos que nos são desconhecidos, e a escrita bíblica exhibe traços ideológicos e artísticos de vários períodos, que desafiam sua classificação segundo os critérios da crítica literária moderna.

Parto, portanto, do princípio geral de que a abordagem literária do texto bíblico não se pauta necessariamente pela trajetória analítica da crítica literária moderna. Meu interesse, como pesquisadora, não é classificar o texto segundo critérios de unidade de redação e gênero literário, mas apreender dele algo da visão de mundo – modos de expressão literária, categorias de pensamento, meio sociocultural – vigente no contexto de sua composição.

A arquitetura dos ensaios que apresento nesta coletânea harmoniza princípios do *close reading* com uma dose de liberdade que me permite interrogar o texto sem me preocupar com a postura normativa religiosa cristã ou judaica. Minha voz como pesquisadora é sobretudo uma voz analítica guiada, em primeiro plano, pela intuição e consolidada pelo estudo minucioso do texto e dos comentários que o cercam. Baseio-me também em autores contemporâneos como Northrop Frye, Meir Weiss, Meir Steinberg, Adele Berlin e Robert Alter, que propõem analisar as histórias

bíblicas como recriações de um ou mais autores que organizaram os materiais disponíveis, muitos dos quais eram tradições orais milenares. Essas recriações eram organizadas em eixos temáticos, moldando o real através do filtro da subjetividade.

Essa proposta de leitura coloca em relevo uma das qualidades mais significativas da Bíblia Hebraica: a presentificação do relato e sua relevância para a audiência. Como o texto foi produzido para uma audiência contemporânea à sua composição, parte-se do pressuposto básico que ele tenha feito sentido e tenha sido totalmente inteligível para essa audiência – constituída de homens, mulheres e crianças reunidos em assembleias – ainda que para o leitor moderno se apresente obscuro e contraditório.

Se o contexto vital condiciona a forma fixa adequada de expressão e também a intenção do discurso, todos os elementos que o compõem devem ser parte do repertório linguístico-cultural da audiência e, como todo *darur* bíblico (coisa que é dita e coisa que é feita), espera-se dele que produza algum efeito sobre os ouvintes. Minha leitura é regida por esse contato entre o texto e suas circunstâncias.

O texto estudado pode ser uma saga, um conto, uma etilogia, uma lista genealógica, uma prescrição legal; o ponto focal da pesquisa consiste em ir além das análises formais para uma compreensão mais profunda das diferentes dimensões e perspectivas contidas no registro bíblico e em seus enredos arquetípicos.

Como já afirmei antes, creio ser vital que o texto seja estudado em sua língua original se o objetivo é apreender suas diferentes dimensões. O impasse primordial em relação às traduções é que toda tradução consiste em uma construção intelectual, produto de uma determinada compreensão. Como decifrar o jogo de sentidos e de forma, o ideário multifacetado, a dinâmica própria do texto a partir de um outro texto que obedece às convenções de uma outra língua?

A análise da própria língua hebraica é fundamental, uma vez que reflete os conceitos de unidade e totalidade, marca distintiva do pensamento do homem bíblico: o que podia ser concebido como unidade não era representado por palavras distintas; assim foram formadas palavras com um denso campo semântico, enraizado no sensorial e no concreto e que se alça até o mais abstrato. Não se trata de escassez de recursos (como já se pensou), mas de uma visão de mundo dotada de uma lógica intrínseca.

Mesmo à análise minuciosa no hebraico original se impõe a limitação do fato de os escritores bíblicos terem seguido essa lógica, que não podemos mais compreender, e de a Bíblia Hebraica ser uma obra compósita, embora coerente, escrita a muitas mãos, em diferentes períodos históricos, o que se contrapõe ao conceito de um texto unitário e unificado, um dos fundamentos da abordagem literária.